

nos despedíssemos ao desembarcar êle, um dia antes de nossa chegada a Pôrto Velho, o imediato perguntou-me se havia-me contado o caso dos seus filhos, perdidos no seringal em que trabalhava nesse rio. E como respondesse negativamente, contou-me a seguinte tragédia, que mais parece fantasia de romancista do que realidade, mas confirmada por outros passageiros, e mesmo relatada em jornais de Manaus, quando o caso andou em mãos da Justiça.

Viera do Ceará ainda muito moço, iniciando no Madeira a sua vida de «brabo». Quando ficou hábil no trabalho de sangrar seringueiras, foi trabalhar em um seringal nas margens do citado rio. Mas a vida do seringueiro é dura, mais dura ainda, se é solteiro, obrigado a preparar seus alimentos, mesmo quando volta extenuado e ainda tem de enfumarçar o látex colhido.

Em uma festa de barracão, ficou conhecendo e tivera rápido namôro, de dois dias apenas, com uma garotinha, que vivia com a mãe e o padastro. Era muito criança, pois teria uns doze ou treze anos apenas. Mas...

Mas a estufa do equador, bem cedo faz surgir da crisálida-criança, a borboleta-mulher. Nessas paragens de sol, a menina não chega a ter meninice. A sua mocidade é ainda mais curta, sob os trabalhos da maternidade. E entra na velhice, velhice não dos anos vividos, mas da perda dos encantos da juventude, das garridices da mocidade.

Em vinte e cinco anos, foi criança, quase não foi menina, foi mãe, feneceu, entrou em decadência física minada pela falta de alimentação

sadia, pelas moléstias tropicais, e pela lues que
campeia soberana nessas paragens.

Nos portos de lenha, nos barracões dos seringais, e nas sórdidas terceiras classes das «gaiolas», o ádvena pasma ao ver essas meninas, mães aos doze e treze anos, assinaladas por todos os estigmas da velhice. Corpos alquebrados e deformados, pela maternidade precoce de físico ainda não chegado ao completo desenvolvimento. Só o negror e o viço dos cabelos, o brilho dos olhos, ou um fugidio traço infantil naquele rosto emurchecido, nos contam que sob aquêle corpo alquebrado e envelhecido, vive uma alma de vinte anos...

E considerando o que acabo de dizer, só compaixão e não rancor, merece essa menininha, personagem vilã desta história.

O cearense referido casou-se, mau grado a oposição do padrasto. Um ano depois, nasceu-lhe uma filhinha e dois após, um garoto.

A vida trabalhosa de seringueiro corria-lhe feliz. Saia à uma da madrugada, levando o machete para sangrar as seringueiras, o facão e o rifle. Sobre o chapéu velho, preso por lâminas de latão, vai a lamparina fumarenta, lançando indecisa claridade no negror da mata. A picada, longa de dois a três quilômetros, começa e termina junto do rancho sobre estacas, aberto aos quatro ventos, menos em um ângulo vedado por tapume de folhas de uricuri, material de que é construída toda a misera habitação. Aí arma as rês, e guarda seus parcós haveres.

Por volta das seis horas, com dia já claro, depois de haver colocado as canequinhas onde se acumula a seiva leitosa, emerge na outra extre-

midade da «estrada», cansado, cheio de sono e apetite. A espôsa já lhe preparou o pedaço de porco do mato, cutia ou veado que abateu quando na véspera percorreu a estrada. Engolido o almoço acompanhado de punhados de farinha jogados à boca, vai para a rede dormir até o meio-dia, quando de novo mergulha na mata, para recolher o produto da sangria.

E a vida da mulher segue monótona, tratando das crianças, esfolando e preparando a caça que o marido trouxe, lavando os trapos de uso diário.

Pois na fatídica madrugada, em que começa esta história, o seringueiro saltou da rede, para começar a faina diária. Por certo, antes de sair, fez uma carícia aos filhinhos deitados nas suas pequenas rôdes, e disse à companheira uma palavra carinhosa, de despedida.

Mas esta talvez não tivesse dormido bem, agoniada pelo crime hediondo que perpetraria daí a poucas horas. Na última visita do padrasto, ficara combinado esse dia, e a hora em que a viria buscar, para irem viver em Manaus. E aceitou, levada pelo domínio do padrasto, ou quiçá desejosa de conhecer as maravilhas da capital, descritas pelo decrépito sátiro, e viver a vida de delícias prometidas, ela, que desde o nascimento só conhecia a mata e os grandes rios.

Quando pois saiu da mata, deparou com um conhecido, que espreitava o seu rancho. Interpelado, declarou esse homem haver encontrado a mulher do seringueiro e o padrasto, descendo de canoa, este, remando apressado, mas ela lhe pedira para ver se os filhos estavam bem, sem a presença do marido. E que o tardio remorso co-

meçava a pungir-lhe a consciência, esboçando a tragédia, a essa hora irremediavelmente consumada.

O infeliz ficou atônito, não querendo acreditar no que ouvia. Quando saiu do torpor, seu primeiro impulso foi ganhar a canoa, e seguir em perseguição dos miseráveis. Mas lembrou-se dos filhos, e chamou por êles. E chamou em vão. E em vão os buscou por tôda a parte. Seus gritos angustiados, ecoaram pela mata, sem encontrarem resposta. Foi à beira do rio examinar as pegadas, receoso de que houvessem caído n'água, ou algum jacaré os tivesse abocanhado. Não havia sinais. Voltou a correr, e a correr entrou gritando o nome dos filhos, pela mata a dentro. Regressou desesperado, e com furor, encostou o rifle aperrado ao peito do que lhe trouxera a dolorosa notícia, exigindo a verdade. Não acreditava que a mãe tivesse a crueldade de abandonar os filhos, sabendo os riscos que correriam até que êle voltasse. Não. Ela os tinha levado, e mandara aquêle recado, para impedir que os perseguisse. Porém pelo tom de sinceridade do interpelado, acreditou na tremenda verdade.

E novamente voltou à mata, chamando pelos filhinhos. Gritava com angústia, dando à voz as mais carinhosas entonações, em brados embargados pelos soluços. Mas tudo em vão. E caiu a noite. O infeliz não sentia fome nem canseira. Continuou pela noite a dentro a gritar, a chamar, já mal articulando os sons na garganta enrouquecida.

E o dia veio vindo, os bugios empoleirados nos mais altos galhos das sumaumeiras regouga-

ram em côro, saudando o sol nascente. E os macaúbas, os jacamins e sururinas piaram docemente, ao começar o novo dia. E as grandes borboletas azuis flutuavam entre os cipós, e os passarinhos encheram de ruflos e piados as profundezas da mata iluminada. Só naquela alma dolorida e alucinada a noite continuava cada vez mais densa!

A notícia espalhou-se, e dos seringais vizinhos acorreram dezenas de seringueiros, nessa comovente solidariedade entre os homens do sertão. E a mata foi cortada em tôdas as direções, cheia de brados e apelos desde o clarear do dia até noite fechada. E tudo foi em vão. No terceiro dia, já não esperavam encontrar as crianças com vida, e as buscas eram para recolher os míseros corpinhos, ou o que dêles restasse do repasto das feras. Mas também em vão, foram essas esperanças.

Ao cair do quarto dia, todos desanimaram, voltando aos seus afazeres. Todos desanimaram, menos o pai amoroso, que continuou as buscas.

Mas no próximo capítulo lhes contarei o desfecho da tragédia, que bem quisera fôsse ficção e não triste realidade.

CAPÍTULO 29.^o

Outro seringueiro veio «cortar» em sua estrada e mães compadecidas trouxeram-lhe o alimento, que quase à força o faziam tomar. O infeliz, como um obcecado, vivia pela mata vagando sem destino, bradando de quando em quando os nomes queridos.

E a Terra, obedecendo a inexoráveis leis cósmicas, teve madrugadas radiantes, ocasos feéricos e sanguinolentos, noites estreladas, ou céus que despejam catadupas diluvianas, que alagavam os igapós, e transformavam os mais modestos regatos em torrentes devastadoras. E passaram-se quatro, cinco, dez, quinze, dezoito dias!

No décimo oitavo, em uma estrada distante quase a um dia de marcha daquela em que se consumara a tragédia, seguia colhendo o látex depositado nas canequinhas, outro seringueiro. Vinha de volta, trazendo o recipiente onde ia recolhendo o produto da sangria dessa madrugada.

Nas estradas, ao clarear do dia, ou à tarde, na viagem de colheita, é que o seringueiro encontra a caça para a sua alimentação. Durante a noite, ao iniciar o corte, esbarra às vezes com as pintadas, e nem sempre sai vencedor, porquanto a segurança do tiro é precária devido à bruxuleante claridade da lamparina que conduz à cabeça. Nesse caso, outro seringueiro virá tomar conta da «estrada», e uma cruz aparelhada a facão, mostrará o lugar onde foram encontrados

os restos dilacerados, do quase anônimo, e heróico trabalhador da selva.

E por isso anda sempre atento aos movimentos suspeitos dos ramos, e aos ruídos denunciadores da proximidade da caça.

Esse seringueiro pois, ouviu sutil pisar de folhas secas, e com movimentos lentos e cautelosos, depositou no chão a vasilha, engatilhou a arma já em posição de tiro, e firmou a vista no ponto, onde lhe pareceu haver-se produzido a bulha suspeita. Um ramo oscilou. A pontaria estava feita, e o dedo roçou o gatilho, para o disparo certo e fulminante. Um ponto negro surgiu durante um segundo, sumindo-se atrás de grosso tronco. Esperou que aparecesse adiante.

Não fôsse o hábito do caçador, consciente de que a segurança de seu tiro de bala, depende da cuidada pontaria, e teria pingado um ponto final na dolorosa tragédia, começada dezoito dias antes.

Com espanto, reconheceu uma criança nua, com uns farrapos pendentes do pescoço, o que restava da sua camisolinha. Seguia ela olhando para a frente como fazem os cegos, cambaleando, segurando-se aos ramos para não cair, mas sempre andando, como guiada por força sobrenatural. Os cabelos emaranhados todos cheios de gravetos e folhas secas, tornavam ainda mais mirrada a face escaveirada onde luziam olhos refletindo terrores e angústias.

Vendo-o aproximar-se, soltou um grunhido aterrorizado, grunhido que em nada se parecia com sons articulados por laringe humana. Fugiu, mas tombou de bruços. Tomou-a carinhosamente

e, a correr, tanto quanto lhe permitiam os obstáculos da picada, levou-a para o seu rancho.

Era uma ruína aquêle mísero corpinho. Em uma das espáduas, horrenda bicheira regurgitava de vermes. Nessa múmia viva, as costelas e as articulações, punham sob a pele distendida, as sa-liências do esqueleto. Destoava entretanto do conjunto horripilante, o ventre enorme e rijo ao toque, como se em pedra se houvesse transformado. Os laxantes e processos mecânicos, esvaziaram-lhe os intestinos, cheios de terra e fôlhas podres! As mães que amamentavam, apartaram-se de seus filhos, e vieram carinhosas trazer-lhe o leite dos seus seios. Apavorada a princípio, a pobre criança, tal como animal arrancado do ninho, arranhava, debatia-se, tentava morder, recusando os carinhos, não compreendendo as palavras doces e amorosas, que só as mães sabem dizer. Parecia já não saber falar! Quando conseguiram fazê-la tomar a primeira colher de leite, continuou a beber sôfregamente, esquecendo o terror de que estava tomada, terror, que era a continuação do que sentira em sua peregrinação na mata apavorante. À custa de desvelos, foi-se restabelecendo e recobrou o uso da palavra, mas bastantes dias foram precisos, antes que pudesse contar o que com ela e o irmãozinho se passara.

Até aqui, o que me contaram. Muito tempo obcecou-me essa história, e ainda hoje fico com o coração opresso, adivinhando e sentindo o desenrolar do dramático acontecimento, nesse cenário de florestas tão meu conhecido. E calculo que assim tenha acontecido: Pela manhã, despetaram, chamando a mãezinha. Como não fôssem

atendidos, ela levantou-se, procurando-a. O mãozinho choramingava. Tirou-o da rede, e saíram para o exíguo terreiro, afogado pelo mato mal roçado e crescendo viçoso. E continuaram repetindo chorosas a doce imprecação: Mæ!... Mæ!... Depois, distraíram-se com seus brinquedos, até que fazendo-se sentir a falta da alimentação matutina, chamaram: Mæ!... Mæ!... e choraram... e chamaram, sem obter resposta. Sabiam da «estrada», onde viam na ronda da tarde, sumir-se o pai, e por ela entraram. O garotinho de dois anos, chorava, indo quase arrastado pela irmã. Tomaram por uma picada que levava a uma das seringueiras. Chegados a esta, continuaram andando, e perderam-se na mata infinita! E continuaram a andar, chorando, tombando, ferindo-se nos espinhos, e bradando angustiadas: Mæ!... Mæ!...

E foram andando, chorando, gritando pela mãe, caindo. Estavam exaustas e esfomeadas sem fôrças para continuar, até que o sol, na sua trajetória para o ocaso, foi deixando sem luz a mata, e a escuridão foi cada vez crescendo mais, até que foi completa. Enredadas em cipós, caíram. Choraram baixinho e chamaram pela mãe. O cansaço e a fraqueza, estenderam o piedoso manto do sono sobre aquelas frágeis criaturas, como anestésico a tanto sofrimento. E quero acreditar, não ouso admitir, que tenha sido interrompido na apavorante escuridão.

Pela madrugada, mesmo antes que a mata clareasse de todo, as sururinas, os jacamins, as arapongas, e os ipecus percutindo os paus podres, fizeram-na despertar. Custou-lhe compreender, o que lhes estava acontecendo, ou antes nem

preendia, ou avaliava o que se havia passado com ambos. E, chorando, repetiu sem parar: Mãe!... Mãe!... Ó mãe!...

Ouviu gritos que a chamavam. Ergueu-se esperançosa, parou de chorar, nem se lembrou de responder e, chamando o irmãozinho e sacudindo-o, verificou que «ele estava muito frio, e não quis responder»... Deixou-o e foi na direção dos brados que ouvia e iam-se distanciando, até cessarem de todo. Voltou, mas não mais encontrou o irmãozinho, «que estava frio» e «não quis acordar»... Um anjo carinhoso, tomara no arminho de suas asas a dolorida alminha, e a levara para a companhia dos outros anjos...

A menina continuou errante a chorar, e a gritar pela mãe. Tinha fome e sede. Tombou de bruços e tomou um fruto qualquer apodrecido e cheio de terra. Levou-o esfomeada à boquinha e o devorou. E devorou folhas podres, raízes, torrões de terra humosa da floresta. E quantas vezes, morreu-lhe o soluço na garganta, apavorada pelo arrancar da anta espavorida, cujo repouso fôra perturbar, ou pelo estrondear dos dentes dos queixadas que passavam perto, devastando a verdura, arrancando raízes? Quantas onças lhe passaram por perto sem a perceberem, ou talvez enfaradas, desprezando tão mísero repasto? E bebeu a água poluída dos igapós onde moram os monstruosos sucurijus, e deixou bocados da carne e da camisolinha, nas puas das tabocas.

E quase vinte vezes a mata se iluminou, e a escuridão a envolveu, sem que a morte, espreitando-a a cada passo, pusesse fim aos seus sofrimentos!

Tão impressionado fiquei com o caso a que me custava dar crédito, que a muitos interroguei, e tive com pequenas variantes, a confirmação do que acabo de narrar. Todos eram unânimis quanto aos dezoito dias que ficou perdida, e a ter chamado e sacudido o irmãozinho que «estava muito frio, e não quis acordar»...

Não tive entretanto oportunidade para buscar a confirmação do caso nos jornais de Manaus que o relataram, quando foi levado perante a Justiça, acusados os causadores da tragédia.

Mas a lei dos homens não provê penalidades para tão monstruoso crime, e êsse atentado, essa transgressão ao instinto materno, tão vivo até nos irracionais, ficou impune!

O padrasto causador, instigador da tragédia, fugiu covarde, abandonando a cúmplice. Esta, encontrando a filha na polícia, não manifestou um gesto de emoção, nem teve uma lágrima, quando, após momentos de excitação, a menina exclamando — Mãe!... lhe estendeu os braços!

Efeitos da maternidade precoce?... Não! Até as meninas acariciam as bonecas... Como explicar?... Aberrações da Natureza, talvez...

E veio-me viva, a recordação dessa história, quando há dias voltando do cinema com um casal amigo, fui para um chá, até o seu lar. Tive de furtivamente enxugar os olhos, vendo a comovedente cena da garotinha que ficara sob os cuidados da aia, exprobrar chorosa, haverem-na deixado sózinha, «sózinha», frisava amuada, sem corresponder aos beijos e carícias que a mãe feliz lhe prodigalizava...